

Documento de Registro de Entrevista para o site de MHEPTCPS

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Leandro Bonvino Madi

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto

São José do Rio Preto/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Jurema Rodrigues

Instituição: Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto (098)

Pesquisadora: Jurema Rodrigues

Elaboração do roteiro da pesquisa: Jurema Rodrigues

Entrevistado: Leandro Bonvino Madi

Local da entrevista: Residências da entrevistadora e do entrevistado via on-line pelo Google meet

Data: 19 de março de 2021

Técnico de gravação: Lígia Rodrigues e Oliveira

Duração: 23 minutos e 41 segundos

Número de vídeos: Um

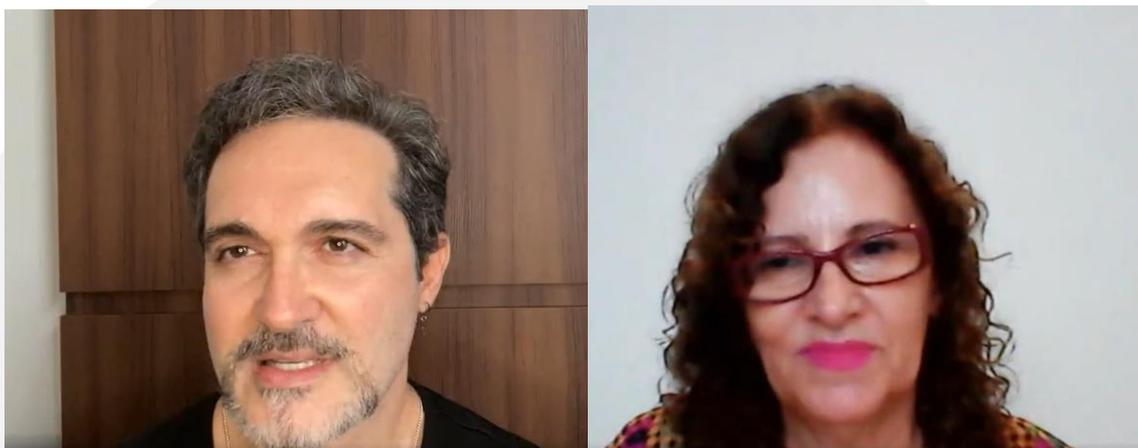
Transcritora: Jurema Rodrigues

Número de páginas: 10

Sinopse da entrevista

Entrevista de História Oral de vida realizada por Jurema Rodrigues, curadora da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto, com o empresário com Leandro Bonvino Madi com a finalidade de compor o contexto do Projeto coletivo “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores”, do Programa de História Oral na Educação, proposto pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e

Tecnológica, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza. Justifica-se a entrevista de História Oral de vida, uma vez que o entrevistado Leandro Bonvino Madi é arquiteto, ex-aluno da Escola Técnica Estadual de Segundo Grau Philadelpho Gouvêa Netto, do curso integrado ao Ensino de 2º grau, duração de quatro anos, da Habilitação Profissional Plena de Técnico em Edificações, concluinte em 19 de dezembro de 1991. Empresário desde o ano de 2001, sócio proprietário da empresa Zanetti & Madi - Atelier de Arquitetura, São José do Rio Preto, São Paulo.



Leandro Bonvino Madi e Jurema Rodrigues, em 19/03/2021

Tom vital

Em primeiro lugar fazer aquilo que você gosta, sabe, fazer com muito amor, lógico que a gente sempre espera um retorno financeiro, mas o primeiro pensamento não é esse, o primeiro pensamento é fazer aquilo para qual você tem uma missão, fazer bem-feito, fazer com gosto. [...] Tem uma coisa nova, uma coisa diferente, não é um problema, é um desafio, então encarar as coisas como desafios sempre.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 12 de junho de 2021

Nome da transcritora: Jurema Rodrigues

Jurema Rodrigues (JR): Entrevista de História Oral de Vida vinculada ao Projeto coletivo “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores” do Centro Paula Souza. Realizada pela curadora Jurema Rodrigues do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto de São José do Rio Preto, com Leandro Bonvino Madi, empresário, ex-aluno, concluinte do Curso Técnico em Edificações, da turma de 1991. Agradeço ao colaborador

Leandro Bonvino Madi por conceder a entrevista on-line no dia de hoje, 19 de março de 2021 às 15 horas e 22 minutos.

JR: Boa tarde, Leandro.

Leandro Bonvino Madi (LBM): Boa tarde, Jurema, tudo bom?

JR: Tudo bem?

LBM: Tudo.

JR: Conte-nos sobre a sua história de vida, origem e família.

LBM: Bom, sou nascido em São José do Rio Preto, nasci no dia 31 de março de 1973, estou prestes a completar 48 anos. Filho de Luís Antônio Madi e Maria Teresa Bonvino Madi. É, cresci aqui em São José do Rio Preto, me casei aqui com Andrea de Toledo Carvalho Madi, onde a gente tem dois filhos, Celina de dezesseis anos e o Vicente com treze anos.

JR: Agora, faça um breve relato para nós sobre a sua formação básica: o ensino médio, técnico e o superior.

LBM: Estudei em poucas escolas, estudei basicamente no Sesi até a oitava série, e o ensino médio eu já fiz no Philadelpho junto com o Curso Técnico em Edificações, quando se fazia paralelamente, o colegial junto com o curso técnico. Durante o último ano do curso técnico, é..., eu já comecei a fazer a Faculdade de Propaganda e Publicidade, então, paralelamente no quarto ano que seria do técnico, já comecei o primeiro ano de Propaganda e Publicidade na Unilago. É, então me formei em 91, 1991, no Philadelpho em Edificações. Em 95, eu me formo em Propaganda e Publicidade. Eu trabalhava tanto com a parte de Edificações, como de Propaganda, e no ano de 96, um ano depois, que me formei em Propaganda, ingressei no curso de Arquitetura, na Faculdade Dom Pedro, daqui em São José do Rio Preto. Em 2000, eu me formo em Arquitetura e Urbanismo, basicamente minha formação é essa.

JR: Muito bom, agora, quanto à sua formação, de técnico, na Escola Philadelpho Gouvêa Netto do Curso Técnico em Edificações, fale para nós sobre as suas lembranças quanto aos professores, às aulas teórica, às aulas práticas.

LBM: Olha, apesar de fazer bastante tempo, acho que trinta anos que me formei, eu me lembro muito bem da escola. Tenho um carinho imenso pela escola, pelos professores. É, existem aulas, que até me arrepia, me lembro até hoje, é, tive uma aula, a primeira aula com o professor Pitton (*José Arnaldo Pittom*) não esqueço jamais, que ele tentando explicar para gente é o que que era uma planta baixa, como era uma representação de uma planta baixa, e ele sobe na carteira e começa a andar pela sala toda por cima de cada carteira mostrando que cada ponto do desenho era como se estivesse olhando de cima, exatamente no prumo, e isso ficou marcado para mim, é, foi muito interessante. As aulas Práticas de construção, de como se fazia uma sapata, como se faz um assentamento de tijolo, é, as aulas de desenho livre que a gente fazia no pátio, é sentado, de observação. Não me esqueço também, as aulas de Desenho, muito desenho que hoje em dia ninguém mais desenha, é tudo no computador, com nanquim, com papel vegetal. As aulas de Estrutura que tenho uma noção de estrutura de concreto armado, que me lembro daquela época que ficou muito, era muito intenso, tudo muito, com muita, conteúdo, então, para mim, foi fundamental na minha carreira, trago até hoje os ensinamentos do colégio. Falo

que aprendi a projetar no Philadelpho com as aulas dos professores, com as técnicas todas, noção de tamanho e espaço.

JR: Além do professor Pitton, lembra de mais professores?

LBM: Lembro, lembro do Norton (*Carlos Norton Gomes Bacarissa*), lembro da Maria Lúcia (*Maria Lúcia das Neves Gomes*), lembro do Teixeira (*José Carlos Teixeira Filho*), eu lembro do ..., de Topografia, como era o nome dele? Lembro de vários, Cecconi (*Arnaldo Cecconi*). É, tinham os professores que não eram do curso, que eram do colegial, era a Sumaia (*Sumaia Ismael da Silva*), é, a Tina (*Maria Aparecida Junqueira Zampieri*) de Física, inesquecível, têm muito professores, devo estar esquecendo de alguns, de muitos, tenho muito carinho, uma lembrança muito legal do tempo do colégio.

JR: E além desse fato que você falou, tem outro fato marcante que você queira falar para nós?

LBM: Ah! acho que foi um dos mais marcantes, foi esse de ensinar como que é um desenho de planta e da explicação também de que a cor não existe, o que existe era a luz que transforma as coisas, então as cores, mudando as coisas, mudando a luz, mudava a cor, é, ah! eu tinha aulas práticas, também de elétrica que era muito interessante, que eu gostava de fazer instalações, para ver como que funcionava, toda a instalação elétrica, enfim, mas acho que o fato mais marcante para mim mesmo foi essa aula, a primeira aula que ele nos deu.

JR: O que o ensino técnico na Escola Philadelpho favoreceu na aquisição do, das suas competências profissionais? Você já falou algumas, mas que falar mais?

LBM: Foi uma sequência, uma consequência, porque a partir do momento que comecei a fazer o curso técnico, eu tinha muita habilidade com desenho, então só que era o desenho livre, e me especializei pelo curso de desenho técnico, e comecei a trabalhar com isso, então já fui para uma área ligada à arquitetura desde da época em que eu estudava edificações, que eu trabalhei com alguns arquitetos tal fazendo desenho, e quando fui para o curso de arquitetura era tudo muito fácil para mim na parte de projetar, de desenhar, de entender, foram outros conceitos que a gente foi tendo no curso de arquitetura, mas a minha base era muito consistente, então para mim era muito tranquilo, é foi uma sequência de aprendizado, é, só teve que agregar.

JR: Certo.

LBM: Tudo tranquilo

JR: E agora comente para nós sobre a sua trajetória profissional antes da empresa que você tem hoje, que você é sócio.

LBM: Então, eu, como na área de desenho, de artes, sempre tive muita relação com arte, é inclusive além da arquitetura e da propaganda, eu paralelamente, fazia teatro porque sou ator também, participava de corais, cantava em corais, tudo que era relacionada à arte, à movimentos artísticos, eu estava meio que no meio. Quando eu estava terminando o curso de edificações, já trabalha com desenho, mas não queria só aquilo, queria outras coisas, e a gente não tinha na cidade nenhum curso voltando à para arquitetura, foi quando me interessei fazer o curso de propaganda. Até falo que foi um ano muito complicado, cheio, foi o último ano meu do Philadelpho, porque eu estudava de manhã no Philadelpho, trabalhava a tarde no escritório de desenho de perspectiva e à noite eu fazia faculdade, meu primeiro ano de faculdade, e durante a faculdade de propaganda, continuei a trabalhar

com arquitetura, onde me ingressei no escritório do Romeu Patriani (*Arquiteto de Rio Preto*), depois esse escritório ele se transformou num departamento de arquitetura da construtora Hopase, uma construtora muito conceituada na época em Rio Preto, e quando terminei propaganda, falei: - Não, agora vou procurar conhecer esse universo da propaganda. Parei um pouco de trabalhar com arquitetura e fui trabalhar só com propaganda, fiquei um ano inteiro só trabalhando com propaganda porque trabalhei na TV Tem, na época era TV Noroeste Paulista, *TV Globo Noroeste Paulista*, fiquei o ano de 1995, e foi após a minha formatura de propaganda, trabalhando só na parte de propaganda, porque eu trabalhava no departamento de produção comercial da TV, só que durante o meu trabalho na Hopase (*Construtora Hopase*), conheci, a arquiteta Germana Zanetti que veio trabalhar lá também como arquiteta. Eu ainda não era arquiteto, era desenhista, e a gente se conheceu nesse período, durante o tempo que trabalhei na TV, e a construtora fechou e essa arquiteta, ela criou, montou um escritório com outros sócios, e foi esse ano a gente ficou um pouco afastado, quando sai da TV, que foi no final de 1995, ela (*Germana Zanetti*) também terminou a sociedade dela com os outros sócios e começou trabalhar mais sozinha, e comecei a fazer trabalhos “free” para ela, de desenho. Prestei a o vestibular para Arquitetura aqui na Faculdade Dom Pedro e, graças à experiência que eu tinha em desenho e todo o conhecimento que tinha, que o curso de edificações me proporcionou, consegui passar em primeiro lugar no vestibular de na Faculdade Dom Pedro, porque eu tinha muito conhecimento de desenho e na prova específica foi muito fácil para mim. Comecei a fazer o curso de Arquitetura, paralelamente a isso, eu trabalhava com a Germânia (*Arquiteta Germana Zanetti*) que ela estava começando o escritório dela. Fui basicamente o braço direito dela porque era muita coisa, ela estava sozinha, não tinha mais nenhum sócio, não tinha mais ninguém. Eu saía da faculdade e ia para casa dela, onde era o escritório que ela trabalhava, e ficava lá o tempo todo até à noite e depois ia ao ensaio de teatro, coral, e era aquela loucura, e foi durante o período da faculdade. Eu fazia trabalhos para outros arquitetos também da cidade Cláudia Togni, Leonardo Romer, Marcelo Paiva, enfim, o que aparecia, eu fazia “free”, não tinha vínculo quase com nenhum deles, e quando me formei em 2000 em arquitetura, já estava muito mais quase que exclusivo trabalhando com a Germânia Zanetti (*Arquiteta*), e criou uma situação assim: - “Continuo no escritório trabalhando com a Germânia ou parto para uma carreira solo, sei lá o meu escritório?” Porque começam a aparecer clientes, começam a aparecer contatos. Ah! alguém te indicou aqui, você faz uma coisinha ali, vai começando a naturalmente, vão surgindo os trabalhos dos clientes e foi onde a gente teve uma conversa e acho que no final de 2001, 2002, foi o ano quando me casei, a gente decidiu então: em vez de separar cada um seguir seu rumo, vamos unir nossas forças, e vamos trabalhar juntos, e a gente criou o escritório. Eu já trabalhava junto com ela, na verdade, a gente deu uma continuidade, e mudamos formalmente no papel, porque na rotina a gente continuou o que a gente estava fazendo já, a gente criou o escritório. Na época, o escritório dela chamava Germânia Zanetti a gente passou a, o escritório chamar Germânia Zanetti e Leandro Madi - Arquitetos associados, e depois de uns dois anos a gente reformulou isso e passou a ser a Zanetti Madi - Atelier de arquitetura, que é até hoje é onde a gente está há mais de vinte anos trabalhando juntos com vários projetos construídos na cidade tanto residenciais como comerciais, prédios, edifícios residenciais, enfim, bastante coisa já executada.

JR: Você fez o relato de como surgiu a oportunidade de se tornar um empresário, sócio?

LBM: Isso.

JR: Teve assim, houve algum estímulo da família?

LBM: Olha, a minha família toda sempre me criou para ser é funcionário público (*risos*) porque todos da minha família são funcionários públicos, meu pai era funcionário da prefeitura, minha mãe era funcionária da prefeitura, meu avô era funcionário da prefeitura,

minha irmã é funcionária da prefeitura até hoje, minha esposa é funcionária da prefeitura, basicamente a minha criação era assim: - Não, você tem que prestar um concurso para ser funcionário da prefeitura. Era mais assim, eu não tinha um estímulo muito familiar de ter meu próprio negócio, e aliás acho que nem queriam, acho que por conta até de ter esse histórico familiar, não tem que ter um emprego bom, um salário bom, para eu ter uma segurança, ser dono do seu negócio não tem segurança, e foi uma coisa que aconteceu muito natural, não tive escolha, vamos dizer, aconteceu, fui levado a isso, e não deu tempo de ir atrás de ser funcionário público, vamos dizer assim, a gente começou a trabalhar, a trabalhar, trabalhar, as coisas foram acontecendo e até hoje, graças a Deus a gente tem muito serviço, muita procura, de clientes, então foi uma coisa que foi naturalmente acontecendo.

JR: Que características ou qualidades pessoais suas que você acredita ter para ter se tornado empresário?

LBM: Olha, acho que, você tem que em primeiro lugar fazer aquilo que você gosta, sabe, fazer com muito amor, lógico que a gente sempre espera um retorno financeiro. Mas o primeiro pensamento não é esse, o primeiro pensamento é fazer aquilo para qual você tem uma missão, fazer bem-feito, fazer com gosto. Então, em primeiro lugar é você estar disposto a fazer seu trabalho da melhor forma possível, e estar aberto a aprender sempre. Porque a gente fala, comento com a minha sócia Germânia que a gente faz vinte anos trabalhando junto, mas parece que a gente está aprendendo a cada momento, as coisas mudam a toda hora, ainda mais agora nesse momento de pandemia, a gente teve que se reinventar a como trabalhar com as pessoas que são nossos parceiros, nossos colaboradores, como atender o cliente de outra forma, como projetar de outra forma, porque o cliente tem acesso à informação muito maior do que tinha, então a gente tem, está sempre aprendendo, então acho que o primeiro passo é você estar aberto, ter a humildade de saber que você nunca sabe tudo, e você tem que estar disposto a enfrentar os desafios, acho que é esse, e nunca tive, acho que é um ponto positivo, nunca fiquei parado sabe? Estou sempre disposto, tem uma coisa nova, uma coisa diferente, não é um problema, é um desafio, então encarar as coisas como desafios sempre, acho que tenho essa característica.

JR: E as relações com políticas públicas locais contribuem para o seu crescimento da sua empresa, como que você vê?

LBM: Olha, é meio que complicado, a gente não se envolve muito, é na verdade não dá muito tempo para a gente se envolver muito com assuntos de política pública, a gente tenta está por dentro, é tentar participar é dentro do nosso limite, porque é complicado um pouco, a gente não participa muito, eu particularmente, a gente tá mais envolvido com o mercado e com as necessidades dos nossos clientes do que essa questão, é lógico que quando é um coisa que envolve, é que vai afetar ao meio, a classe, a gente está ali para participar também.

JR: Ah! Certo. O Leandro, deixe uma mensagem para nós.

LBM: Uma mensagem? (Sorriso)

JR: É. (Sorriso)

LBM: Olha, acho que até já falei um pouco, mas acho que é assim, a gente nunca deve abandonar nosso sonho, sempre deve lutar pelo nosso sonho com muita humildade e estar sempre atento ao que acontece ao nosso redor, atento à vida, e não deixar se cegar pelo sonho porque às vezes o caminho é diferente do que aquele que a gente imagina e, então,

a gente tem que estar aberto, lutar por aquilo que quer, mas estar aberto e disposto a aceitar o que a vida tem a te oferecer porque, às vezes, é a gente sonha, e às vezes o que a gente imagina não é o melhor para gente, tem que ter esse equilíbrio de lutar e aceitar o que a vida te oferece.

JR: Aceitação, está certo.

LBM: É a minha mensagem. *(sorriso)*

JR: Leandro Bonvino Madi, eu agradeço, muito obrigada pela entrevista.

LBM: Eu que agradeço a oportunidade, fico honrado por estar participando desse projeto de história da escola Philadelpho, do curso de Edificações. Eu tenho, para você ter noção todos os desenhos que eu fazia, estão guardados até hoje.

JR: Nossa!

LBM: É muito gratificante, às vezes, quando pego e falo: - Nossa! Olha como que eu desenhava bem. Falava porque era um capricho, sabe, uma dedicação, é muito carinho que tenho por tudo que aprendi e que eu vivi lá na escola *(Etec Philadelpho)*.

JR: Ah! Depois se você puder me fornecer imagem de algum, pode me mandar? Para eu deixar no arquivo.

LBM: Eu vou ver, está guardadinho no fundo do armário, mas está guardado, vou separar e te mando.

JR: Muito obrigada! Viu, eu agradeço.

LBM: Eu que agradeço, obrigado.

Descritores

História Oral de vida

Técnico em Edificações

Etec Philadelpho Gouvêa Netto

Práticas de construção

Estrutura de concreto armado

Desenho

Propaganda e Publicidade

Arquitetura e Urbanismo

Atelier de arquitetura

Artes

Ator

Coral

Empreendedorismo

Pandemia

Parceria

Dados Biográficos do Entrevistado



Leandro Bonvino Madi - Nascido em 31 de março de 1973, na cidade de São José do Rio Preto, São Paulo. Filho de Luís Antônio Madi e Maria Tereza Bonvino Madi. Casado com Andrea de Toledo Carvalho Madi, com quem tem dois filhos: Celina Carvalho Madi, de 16 anos e Vicente Carvalho Madi, de 13 anos. Fez Ensino Fundamental, Ensino de 1º grau, pelo Sesi 410 - Centro Educacional, São José do Rio Preto (1987). Habilitação Profissional Plena de Técnico em Edificações, curso integrado ao Ensino de 2º grau, na Escola Técnica Estadual de Segundo Grau Philadelpho Gouvêa Netto (1991). Graduado em Propaganda e Publicidade pela União das Faculdades dos Grandes Lagos – UNILAGO, São José do Rio Preto (1995). Em paralelo, participou de corais e de grupos de teatros de São José do Rio Preto. Graduado em Arquitetura e Urbanismo por Faculdades Integradas Dom Pedro II, São José do Rio Preto (2000). Atuou na área de publicidade e propaganda, no Departamento de Produção Comercial da empresa TV Globo Noroeste Paulista, atual TV TEM de São José do Rio Preto, São Paulo (1995). Paralelamente, trabalhou na área de Edificações no escritório do arquiteto Romeu Patrian. Exerceu a função de Freelancer (profissional autônomo de forma independente) para diversos arquitetos como Claudia Togni, Marcelo Pala, Germana Zanetti, Lima Bueno, entre outros, até 1998. No período de 1998 a 2000, trabalhou com a arquiteta Germana Zanetti. Desde 2001, é sócio da arquiteta Germana Zanetti, primeiramente com a empresa “Germânia Zanetti e Leandro Madi - Arquitetos associados”, que depois passou a denominar “Zanetti & Madi - Atelier de arquitetura” - Arquitetura e Interiores, em São José do Rio Preto/SP.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Jurema Rodrigues - Licenciada em Letras pela FARFI/SJRP (1984), e Licenciada em Pedagogia pela Associação Cultural de Barretos (1990), com Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa pela USP/CENP (1991). Fez treinamento em Língua Portuguesa na UNESP (1993) e Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa pela UNESP/IBILCE (2005 a 2007). Especialização em Educação Básica no ISEB (2010) e Especialização em Educação Especial Inclusiva no ISEB (2011). Especialização em Língua Portuguesa/UNICAMP (2011). Professora na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (1986 a 2011). Coordenadora Geral do CEFAM (1996 a 1997). Professora da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, em São José do Rio Preto/SP, desde 1996. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GPEMHEP/Centro Paula Souza)

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Leandro Bonvino Madi

Termo de Autorização para uso de Imagem de Leandro Bonvino Madi